

A Lógica em Carlos Drummond de Andrade

Ledo Vaccaro Machado

JOSÉ

Carlos Drummond de Andrade

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cantasse,
se você morresse . . .
Mas você não morre,
Você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

E agora, José?

Qual é a saída, José? Que esperança se pode ter? Um José qualquer . . .

O primeiro verso começa com “E” e a estrofe segue com diversos versos separados por vírgulas que, pela dramaticidade do poema e pela presença constante do “e” na estrofe, leva-nos a entender que tais vírgulas estão substituindo o conectivo “e”, a conjunção.

A festa acabou e a luz apagou e a noite esfriou.

O poeta afirma categoricamente as condições do presente, as condições que definem a realidade na qual José está imerso. Ele faz essas afirmações através de sentenças declarativas unidas pela conjunção, “e”. A mesma estrutura lógica se apresenta na segunda estrofe e o “e” aumenta a dramaticidade do poema:

p: Está sem mulher.

q: Está sem discurso.

r: Está sem carinho.

$p \wedge q \wedge r$ é uma sentença verdadeira, dado que o poeta é onisciente, o poeta conhece José. Até porque ele não se exclui da condição de ser José quando, mais à frente, afirma que José quer ir para Minas (Carlos Drummond de Andrade é mineiro). Mas se $p \wedge q \wedge r$ é verdadeira, p é verdadeira, q é verdadeira e r também é verdadeira. A realidade não é caracterizada por uma dessas coisas mas por todas elas a um só tempo.

José está sem mulher e José está sem discurso e José está sem carinho.

Atenhamo-nos a quinta estrofe. Os versos são condicionais:

Se isso então aquilo.

Se p então q.

$p \rightarrow q$

p é chamado de antecedente e q de conseqüente. Notemos que o conseqüente fica subentendido em todos os versos:

$p \rightarrow t$: Se você gritasse então haveria uma saída.

$q \rightarrow t$: Se você gemesse então haveria uma saída.

$r \rightarrow t$: Se você tocasse a valsa vienense então haveria uma saída.

Em nenhum momento desta estrofe ocorre o conectivo “e”. De fato, nessa estrofe, o poeta deseja que os antecedentes das proposições condicionais estejam interligados pelo conectivo “ou”, a disjunção. Na disjunção, basta que uma das declarações seja verdadeira para que a proposição seja verdadeira. Ao declarar: $(p \vee q \vee r) \rightarrow t$, basta que p, q ou r, seja verdadeiro para que tenhamos t verdadeiro (lembramos que o poeta é onisciente, que suas declarações são verdadeiras – $(p \vee q \vee r) \rightarrow t$ é verdadeira).

Mas por que o poeta não caracterizou a disjunção apresentando o “ou” na estrofe? Primeiro, a presença do “ou”, sobretudo repetidas vezes, poderia nos levar à identificação de um “ou” excludente.

Ou se você gritasse **ou** se você gemesse.

Poderia nos levar a entender que as duas coisas não poderiam acontecer a um só tempo. A idéia contida na estrofe é: basta que um dos antecedentes seja verdadeiro para que o conseqüente, comum a todos os condicionais, também o seja. Isso não exclui a possibilidade de termos mais de um antecedente verdadeiro.

Segundo, como os conseqüentes estão subentendidos, a presença do “ou” não deixaria claro se ele estaria conectando os antecedentes ($(p \vee q \vee r) \rightarrow t$) ou os condicionais ($(p \rightarrow t) \vee (q \rightarrow t) \vee (r \rightarrow t)$). Atenemos que são situações distintas: $(p \rightarrow t) \vee (q \rightarrow t) \vee (r \rightarrow t)$ é equivalente a $(p \wedge q \wedge r) \rightarrow t$ e não a $(p \vee q \vee r) \rightarrow t$.

Mas você não morre,
você é duro José!

O poeta nega o último antecedente, o mais contundente, o mais definitivo. Notemos também, que ele não escreve “se você grita” ou “quando você gritar” mas sim “se você gritasse”, pretérito imperfeito do subjuntivo. José não grita. O poeta nega todos os antecedentes. $p \rightarrow t$ é verdadeiro não por termos p e t verdadeiros, mas por termos p falso. $p \rightarrow t$ é verdadeiro independente do valor lógico de t. “Se você gritasse então haveria uma saída” é verdadeira independentemente de haver ou não uma saída, porque José não grita. O poeta deixa José sem resposta. José está sozinho no escuro, está sem parede nua para se encostar e sem cavalo que fuja a galope. José sequer sabe se pode ter uma esperança porque sequer sabe se há uma saída.

Retrocedamos à estrofe quatro. Os desejos de José são contradições lógicas.

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;

A porta é a saída, é a possibilidade do novo, é a possibilidade de sair desta sala, desta realidade, para outra. Satisfeito o desejo de José, teríamos:

p: José abriu a porta.

Mas não existe porta, assim:

$\sim p$: José não abriu a porta.

O desejo de José apresenta-se na forma $p \wedge (\sim p)$, uma contradição lógica visto que a conjunção só é verdadeira se as duas sentenças forem verdadeiras e é impossível (princípio da não contradição) p e $\sim p$ serem verdadeiras a um só tempo. A mesma estrutura de contradição aparece em:

quer morrer no mar,
mas o mar secou;

e em:

quer ir para Minas,
Minas não há mais.

Notemos, ainda, que José quer morrer no mar e quer ir para Minas. Não há mar em Minas Gerais.

O poeta reconhece a impossibilidade lógica dos desejos de José. Identifica a aridez do presente de José. Declara não conhecer saída. Mas não declara a inexistência de qualquer saída, não declara a impossibilidade de futuro. Deixa José com a incerteza.

Você marcha, José!
José, para onde?